

## **Editorial Paraísos Artificiais**

### *Comissão Editorial*

Na conhecida acepção de Baudelaire, “paraísos artificiais” eram estados sensoriais atingidos/alcançados pelo consumo de drogas. Neste número exploramos os imaginários midiáticos dos “paraísos artificiais”, ampliando este conceito para incluir, além do mundo das drogas, a fabricação de espaços reais e/ou imaginários que representam e engendram desejos, fantasias e fetiches. Os “paraísos artificiais” compõem a cartografia de desejos da modernidade tardia, saturada de parques temáticos, shoppings suntuosos, praias e montanhas artificiais, museus de celebridades, mundos digitais, entre outras configurações. Na sua variedade de manifestações, os paraísos artificiais expressam o desejo por mundos tematizados, plásticos, estetizados: outros espaços possíveis. São mundos escolhidos pelos seus usuários.

Os paraísos artificiais das drogas, dos clubes de fetiche sexual ou do turismo programado do “risco sem risco” aos locais recônditos e “perigosos” do planeta revelam o tédio com o regramento normativo ou o desencanto com um mundo amorfo e despido de intensidade. A experimentação transgressiva assumiu tonalidades políticas nas décadas de 1960-70 quando as invenções da contracultura jovem protestaram contra os cenários políticos da guerra fria e trilharam opções contrárias ao status quo dominante. Nos atuais contextos, a transgressão em busca de paraísos subjetivos e coletivos parece ter-se tornado, em grande medida, um programa já mapeado, domesticado ou reivindicado.

Espacialmente, os paraísos artificiais do contemporâneo assemelham-se, paradoxalmente, aos não-lugares delineados por Marc Augé (1992). Construídos sob o signo da funcionalidade e da transitoriedade, aeroportos, hotéis, estradas e shoppings são espaços da ultra modernidade tardia carentes de lastro personalizado. Entretanto, os shopping malls esplêndidos, os parques temáticos e as cidades-fantasia fabricadas para o turismo nômade são “não-lugares” recheados de uma funcionalidade reencantada. De forma cotidiana, os condomínios fechados que proliferam nas metrópoles atuais são evocações imobiliárias do jardim edênico protegido contra intrusos e estranhos. Na internet, as telas cintilantes dos computadores nos garantem acesso aos domínios virtuais de mundos alternativos onde nos transfiguramos, vivenciamos outras vidas e navegamos sem amarras corporais.

Nas suas múltiplas configurações, os paraísos artificiais prometem versões do éden que podem ser compradas, vendidas e consumidas. São utopias cotidianas e mesmo quando descartáveis e modificáveis, os paraísos artificiais nos seduzem como o espelho mágico dos nossos desejos.